



# A “Palavra de Deus” na V Conferência de Aparecida

*P. Santiago Silva Retamales*

## **Introdução**

A V Conferência geral do Episcopado Latinoamericano e Caribe teve lugar no Santuário de Aparecida (São Paulo/Brasil) nos dias 13 a 31 de maio de 2007 e sua temática foi: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos n’Ele tenham vida” “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Aquilo que os bispos produziram conhecemos com o nome de *Documento de Aparecida*.

Quando falamos da Palavra de Deus no dito Documento nos referimos, ao menos, a três realidades:

- a) Como se emprega a Sagrada Escritura no Documento;
- b) Qual é o substrato bíblico no qual se fundamentam suas afirmações teológico-pastorais;
- c) O que diz o Documento a respeito do uso pastoral e espiritual da Escritura.

Esses três aspectos bíblicos dão lugar aos três *tópicos* do presente artigo, fechando com uma conclusão na qual se estabelecem, a juízo do autor, as projeções da *Sagrada Escritura* na vida da Igreja.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As siglas empregadas nas notas, ao longo desse artigo, são como seguem: *AA* Apostolicam Actuositatem; *ABP* “Animação bíblica da pastoral” do povo de Deus; *CEBIPAL* “Centro bíblico-pastoral para a América Latina”, Centro Acadêmico do Conselho Episcopal para a América Latina (*CELAM*); *DO Documento* de Aparecida; *DI* Bento XVI “Discurso inaugural da V Conferência (13 de maio de 2007); *DM* Documento de Medelim; *DP* Documento de

## I. Emprego da Sagrada Escritura no Documento de Aparecida

Chama atenção a profusão de referências bíblicas no *Documento de Aparecida* ao ser comparado com os documentos de Conferências gerais anteriores. No entanto, isto não constitui o alicerce de Aparecida. Um documento não é “bíblico” em razão das citações da Bíblia que contêm ou mesmo pelo desenvolvimento dos temas bíblicos no seu interior.

A base de Aparecida é o recurso à Palavra de Deus como fonte de inspiração para colocação do tema central da V Conferência (“discípulos – missionários – vida”). Sua riqueza, pois, está naquilo que os bispos elaboraram como reflexão teológica e pastoral a partir da revelação de Deus consignada nas Escrituras, tomada como fonte de verdade e discernimento no caminhar da Igreja na América Latina.

Quando se planteava que tipo de documento devia ser o de Aparecida, afirmava-se com insistência que tinha que ser “pastoral” e “bíblico”. Para mostrar o interesse em tornar realidade o critério bíblico, refiro-me a um dos esquemas prévios do Documento que se discutiu na Comissão de Redação, composta por oito bispos eleitos pela Assembléia e a colaboração de alguns peritos.<sup>2</sup> Esse esquema se inspirava na frase de São João, presente no enunciado da V Conferência: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). A este esquema bíblico aplicava-se estreitamente o método “*ver-julgar-agir*”.

O esquema pressupunha um capítulo introdutório que apresentasse Jesus Cristo e o Reino como anúncio kerigmático e plenitude da história da Salvação. Logo, um segundo capítulo falaria de Jesus, enquanto caminho para o Pai; sua finalidade era *ver* ou *olhar* com os olhos de discípulos e pastores o caminho da sociedade e da Igreja até a plenitude escatológica, discernindo os dons de Deus e nossas debilidades no anúncio do Reino. Um terceiro capítulo trataria de Jesus enquanto Verdade que salva; seu conteúdo seria o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo e seu Reino, interpelando as pessoas e a sociedade (*judgar*), e em razão do que tudo em Cristo está chamado a ser (plenitude escatológica). O último capítulo se ocuparia do tipo de vida que Jesus quer para os nossos povos e para a Igreja com seu respectivo caminho pedagógico (*agir*).

Quando chegou o momento de votar o esquema, se preferiu um que ajudasse a suscitar temas nucleares (centrais) dos quais teria que ocupar-se a V Conferência. Logo, pelo próprio desenvolvimento da mesma e sempre

---

Puebla; **DStoD** Documento de Santo Domingo; **DS** Documento de síntese; **DV** Dei Verbum; **GS** Gaudim et Spes; **MP** Manual do Participante Aparecida 2007; **NMI** Novo Milênio Ineunte (João Paulo II); **RM** Redemptoris Missio (João Paulo II).

<sup>2</sup> MP, 28-29.

pensando em um Documento que brotasse da Palavra de Deus, a *Comissão de Redação* julgou conveniente optar pelo esquema da “vida” que Jesus é e oferece. Este fio condutor é, pois, o que inspira todo o *Documento* como claramente se vê ao considerar os títulos das três partes que o compõem: “*A vida de nosso povo hoje*” (VER); “*A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários*” (JULGAR); “*A vida de Jesus Cristo para os nossos povos*” (AGIR).<sup>3</sup>

## II. Substrato bíblico do Documento de Aparecida

### 1. O documento de síntese e o Documento de Aparecida

Para que o povo de Deus participasse da V Conferência preparou-se e editou-se um subsídio chamando de *Documento de Participação*<sup>4</sup>, do qual se elaboraram 18 *Questionários* que foram distribuídos para Dioceses, suas comunidades eclesiais, universidades, colégios e outras instâncias da Igreja.

Em novembro de 2006 foram levadas para a sede do CELAM, em Bogotá, cerca de 2.500 folhas, “tamanho carta”, com as contribuições das respostas aos questionários. Depois da primeira compilação, o CELAM reuniu, em Janeiro de 2007, uma *Comissão de Redação* com a tarefa de produzir um documento que refletisse o melhor possível as contribuições, dando-lhes uma estrutura teológico-pastoral que pudesse logo servir no desenvolvimento da V Conferência. Não se pretendia “recolher materialmente todas e cada uma das propostas que nos tinham chegado do Continente, mas expressá-las com fidelidade ao espírito em seus aspectos mais significativos”.<sup>5</sup>

O produto desse trabalho é chamado *Documento de Síntese*<sup>6</sup> de 188 páginas e 364 parágrafos numerados. Uma vez examinado pela presidência da V Conferência, foi distribuído a todos os convocados para Aparecida. Foi apresentado como “um instrumento qualificado de inspiração e consulta” e como “uma síntese qualificada das contribuições recebidas”, para utilizar durante as decisões em Aparecida.<sup>7</sup>

Esse Documento é fundamental para entender o substrato bíblico do Documento de Aparecida. No presente artigo, o estudo acerca da Palavra de

<sup>3</sup> Cf. ORTIZ LOZADA, L., “La importancia del método em el Concilio y em el Magisterio Episcopal Latinoamericano”, *Medellín*, 126 (2006), 313-331.

<sup>4</sup> *Documento de participación. Hacia la V Conferencia del Episcopado Latinoamericano y del Caribe*, Bogotá, D.C. 2005. Cf. STANOVNIK, A. “Claves de lectura para el documento de participación”, *Medellín*, 125 (2006), 29-59.

<sup>5</sup> *DS, Presentación*, p.7.

<sup>6</sup> *Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e Caribe*, Bogotá, D.C. 2007.

<sup>7</sup> *DS, Presentación*, p. 7.

Deus como fonte inspiradora dos conteúdos de Aparecida terá sempre em conta o Documento Síntese.<sup>8</sup>

O fundamento bíblico inspirador da temática de Aparecida é duplo:

- a) O mistério trinitário como economia salvífica que faz com que a história do homem seja “história da salvação”;
- b) A reflexão bíblica em torno do crente como discípulo de Jesus, Caminho, Verdade e Vida, para anunciar a vida nova do Reino a todos os povos.

## 2. A Trindade e a história da Salvação

### 2.1. O mistério trinitário como acontecimento de salvação

O mistério trinitário é fonte de amor e de vida divina comunicada aos discípulos e colocada à disposição de todos os homens.<sup>9</sup> Do mesmo modo, a obra da Trindade é a história da salvação pela encarnação do Filho, salvação que – segundo o desígnio do Pai – o Espírito atualiza. A existência cristã se transforma no “viver trinitário de filhos no Filho”.<sup>10</sup> Dito de outra maneira pelos bispos em Aparecida: “A vida nova em Cristo é participação na vida de amor do Deus Uno e Trino. Começa no batismo e chega a sua plenitude na ressurreição final”.<sup>11</sup>

A Trindade, acontecimento divino que torna salvífica a história, deixa sua marca na realidade e sentido da dita história, graças à qual, vislumbramos o Mistério revelado por Jesus Cristo, Mistério que ninguém viu, nem ouviu, porém que Deus preparou para os que o amam (1Cor 2,9).

Essa forma de abordar a reflexão faz com que o substrato bíblico do Documento de Aparecida seja sobremaneira “pastoral”: se trata de um olhar desde a fé dos discípulos missionários<sup>12</sup> e, por sua vez, de bispos pastores sobre a “realidade de nossos povos e de nossa Igreja com seus valores, suas limitações, suas angústias e esperanças” (“ver”)<sup>13</sup> para proclamar o Mistério da Vida (“iluminar –julgar”) e evangelizar a todos os povos (“agir”). Desse modo evidencia-se “o lugar” a partir do qual os bispos da V Conferência olham a realidade social e eclesial. Este olhar quer ser cristão e feito com humildade e verdadeira empatia, para tomar consciência, por um lado, da

<sup>8</sup> As citações textuais do DS usadas no presente artigo correspondem à reflexão bíblica que me coube fazer como membro da *Comissão de Redação* do dito documento, razão pela qual tenho omitido as “aspas”. Há tal continuidade entre o DS e DA que no DA se cita o DS sem “aspas” e sem referência bibliográfica.

<sup>9</sup> DA, 153; 347; 543.

<sup>10</sup> DA, 266; cf. 157; 240; DS, 112-114.

<sup>11</sup> DA, 357.

<sup>12</sup> DA, 20.

<sup>13</sup> DA, 22.

opaca e complexa realidade sócio-política, e, por outro, da profundidade das esperanças dos homens e mulheres de hoje.<sup>14</sup>

Um outro esclarecimento; o fio condutor transversal dos temas tratados em *Aparecida* é a sentença de São João contida no enunciado do tema da V Conferência: Jesus Cristo é Vida (Jo 14,6). Esse motivo, eminentemente bíblico, nos recorda que a perspectiva dos discípulos-pastores é propor a Vida para nossos povos. Esta fundamental perspectiva é também a que está presente na teologia da história da salvação do *Documento de Aparecida*.

## 2.2. *A obra do Pai*

### 2.2.1. *A experiência de um Deus que liberta*

Israel descobre no devir de sua história que seu Deus é rico em amor e misericórdia, fonte de vida e libertação. A partir dessa chave de leitura não só olha sua história, como também a origem da humanidade e o pecado, que enclausurou o homem no seu egoísmo e sua morte.<sup>15</sup>

A primeira experiência que tem Israel de seu Deus é a de ser libertador (Ex 15).<sup>16</sup> Cada vez que Israel buscou e necessitou de seu Deus, sobre tudo nas desgraças nacionais, teve uma singular experiência de comunhão com Ele, era Ele quem o fazia partícipe de sua liberdade, sua vida e santidade. Por ele, não demorou em testemunhar que seu Deus – distintamente dos ídolos – é o “Deus vivo” (Dt 5,26) que o liberta dos opressores (Ex 3,7-10), que perdoa sem limites (Eclo 2,11) e que restitui a salvação perdida quando o povo, envolto nas “redes da morte” (Sl 116,3), se dirige a Ele suplicante (Is 38,16). Desse Deus, que é seu Pai, Jesus afirmará que “não é um Deus de mortos, mas de vivos” (Mc 12,27).<sup>17</sup>

Em virtude da aliança, Deus é para Israel “o Deus da minha vida” (Sl 42,9), seu ~único Senhor a quem deve amar com todo o seu coração (Dt 6,5). Deus é a ~única “fonte” de sua vida (Sl 36,8-10), sua “rocha” segura (2Sm 22,2-3) e seu redentor (Is 41,14). Contudo isso não basta, pois Israel sabe que ao dom da vida se responde com a busca da vida verdadeira para todos os membros do povo. Esta vida brota da aliança com seu Deus e exige o compromisso de destruir os ídolos, confiar nele e em suas promessas, ocupar-se dos pobres, escutar sua Palavra e obedecer a seus mandamentos, força divina em favor da liberdade (Ez 33,14-15).<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> DA, 36; 388.

<sup>15</sup> DA, 41.

<sup>16</sup> Ex 15, talvez seja um dos poemas mais antigos do AT.

<sup>17</sup> DA, 129; DS, 42.

<sup>18</sup> DA, 13; DS, 43.

### 2.2.2. *A experiência de um Deus que cria*

Olhando com olhos de fé, a história da aliança com seu Deus, Israel não apenas se abre à sua origem, como também à razão de sua própria existência e da humanidade, descobrindo que todo o ser humano “existe pura e simplesmente pelo amor de Deus que o criou, e pelo amor de Deus que o conserva”.<sup>19</sup> Se Deus se tem manifestado acima de tudo como doador de vida e libertação para Israel, significa que a criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança é um acontecimento divino de vida e libertação. Ao colocar todo o criado a serviço do ser humano, o Criador manifesta a imensa dignidade de sua criatura racional (Sl 8) e ao cuidado especial que tem para cada ser humano (Gn 1,29-30).<sup>20</sup>

Essa experiência de um Deus que ama dando vida e liberdade (Sl 119,159), leva Israel a descobrir maravilhado a vocação fundamental do ser humano: viver em aliança de vida com o Senhor e em comunhão uns com os outros. Por isso, naqueles tempos imemoráveis, “tudo era muito bom” (Gn 1,31).<sup>21</sup>

No entanto, Israel, como nós, experimenta em sua história a dolorosa tragédia da maldade e da divisão. Uma e outra vez o povo se afasta de Deus porque entre os israelitas “não há fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus” e destroem a vida e liberdade que seu Deus lhes presenteou, visto que, “só difundem falso testemunho, engano, assassinato, roubo, adultério e a um crime segue outro crime” (Os 4,1-2). Por sua reiterada maldade, Israel entristece a seu Senhor (Is 63,7-10). Logo o povo se convence que a maldade não pode provir de um Deus de vida que ama como o faz seu Deus. Serão uns sábios israelitas, inspirados por Deus, os que ensinam ao povo que foi o pecado, introduzido pelo ser humano no alvorecer da Criação (Rm 5,12), a causa da tríplice distorção: a do ser humano com seu Criador; consigo mesmo e seus semelhantes; com a criação (Gn 3).<sup>22</sup>

Desde então a vocação fundamental do homem e da mulher se vê ameaçada pelo pecado, colocando todo o criado por Deus debaixo da sombra de seu egoísmo e orgulho.<sup>23</sup> Contudo, deste então, também o ser humano leva cravada no mais profundo de seu coração a ânsia da felicidade e de encontrar a satisfação plena de suas inquietudes e perguntas.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> GS, 19.

<sup>20</sup> DA, 6; 470.

<sup>21</sup> DA, 27.

<sup>22</sup> DP, 322.

<sup>23</sup> AA, 7.

<sup>24</sup> DA, 350; 355; 380.

Apesar de tudo, o Deus da vida não abandona na morte nem a seu povo, nem a humanidade. Chegada a plenitude dos tempos, envia seu Filho como vida nova (Jo 14,6) e “primogênito de toda a criação” (Cl 1,15), para que “tudo seja vosso e vós sejais de Cristo e Cristo de Deus” (1Cor 3,22-23).<sup>25</sup>

### 2.3. *A obra do Filho*

#### 2.3.1. *“Quem dizem as pessoas que eu sou?”*

Chegado o tempo oportuno, o Verbo do Pai se fez homem (Gl 4,4). Na Galiléia começou a proclamar que está chegando o Reino de Deus, pelo que urge crer e converter-se (Mc 1,14-15). Sua fama cresce proporcionalmente com a multidão que o busca e acompanha (Mc 1,45). As perguntas a respeito da origem de suas palavras e obras não se fazem esperar: “De onde vem isso? Quem lhe deu essa sabedoria e capacidade de fazer milagres?” Acaso não é um carpinteiro? (Mc 6,2-3).

Jesus abre sua vida e missão a quem com o coração limpo contempla fascinado sua obra e escuta atento seus ensinamentos. Nessas pessoas surge outro tipo de perguntas: quem expulsa demônios e cura enfermos em nome próprio, pode ser um demônio (Mc 3,23-30)? Não será ele Messias que traz o Reino de vida (Mt 26,56)? O mesmo Jesus fortalece essa fé incipiente quando os ensina: “Se eu expulso os demônios com o poder de Deus, então é que o Reino de Deus tem chegado até vós” (Lc 11,20) e também: “Uma prova evidente de que o Pai me enviou é que realizo a obra que Ele me incumbiu de levar a termo” (Jo 5,36).<sup>26</sup> E as perguntas seguem. Quem se desvincula das leis rígidas da purificação não está revelando que o Deus do Reino é Pai de todos e que perdoa os pecadores tornando-os partícipes de sua santidade (Lc 15)? De novo Jesus fortalece a fé de muitos dando a conhecer seu propósito: “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores para que se convertam” (Lc 5,32).

Na vida de Jesus, suas palavras e ações estão intimamente entrelaçadas de forma que as palavras explicam as ações e estas confirmam as palavras. Essa radical coerência do Filho do homem que “passou fazendo o bem” (At 10,38) suscita o seguimento enquanto “Messias de Deus”, e a fé dá lugar a progressivas confissões de sua identidade e missão.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> DS, 44-48.

<sup>26</sup> RM, 14.

<sup>27</sup> DS, 87-89.

### 2.3.2. *A missão do Filho: a proclamação do Reino*

A proclamação e a instauração do Reino de Deus é a incumbência do Pai dada a Jesus Cristo (Lc 4,43). O reino é acessado pelo encontro com o Messias, ao qual, com sua proclamação e suas ações, mostra que “o Reino” de Deus inclui os simples e os marginalizados: come e bebe com pecadores (Mc 2,16), sem importar-se que o intitulem de comilão e beberrão (Mt 11,19); toca os leprosos (Lc 5,13) e deixa que uma mulher prostituta lhe beije e unja os pés (Lc 7,37-38); conversa transgredindo costumes – com a mulher samaritana (Jo 4) e à noite, recebe Nicodemos, notável dirigente em Israel (Jo 3).<sup>28</sup>

Por sua vez, essa aproximação de Jesus com os necessitados e o dom da vida nova revelam uma imagem original do “Deus do Reino”: Deus quer reinar como “Abba”, ou Pai que, pelo perdão e o dom de sua própria vida, quer ser “nosso Pai” (Mt 6,9).

Na aceitação de Jesus enquanto Messias e Filho se faz realidade a soberania de Deus enquanto Pai, fazendo que toda a realidade adquira um dinamismo de transformação que busca sua plenitude escatológica. Construir o Reino é reconhecer e favorecer a soberania de Deus Pai na história que, pela vinculação do ser humano e de toda a realidade com o Ressuscitado, liberta de toda a opressão e de todo o mal.

O Reino de Deus ou sua soberania enquanto Pai é, de início, oculto, quase invisível, não aparece de forma espetacular, porém “já está entre vós” (Lc 17,21). É Reino “de Deus”, quer o homem durma ou vigie, o Reino cresce e brota, porém necessita indubitavelmente da terra boa de um coração convertido (Mc 4,20). É “de Deus enquanto Pai” por que tende a transformar as relações humanas, colocando-as em um paradigma de compreensão: na fraternidade e, conseqüentemente, no amor fraterno, perdão e serviço mútuo. Esse Reino jamais poderá identificar-se com ideologias religiosas nem sócio-políticas, nem com nenhuma ideologia.<sup>29</sup>

### 2.3.3. *A vida do Messias doada: o Mistério Pascal*

A primeira leitura que os discípulos fizeram da morte de Jesus na cruz foi a de uma irremediável derrota daquele que muitos haviam aceitado e acolhido como “messias” (Lc 24,21). Não foram capazes de compreender que em um homem como Jesus, radicalmente coerente (Mc 12,14), “o sentido de sua vida selava o sentido de sua morte. Muito menos podiam compre-

---

<sup>28</sup> DA, 353.

<sup>29</sup> DS, 90-92.





ender que, segundo o desígnio do Pai, a morte do Filho era fonte de vida fecunda para todos (Jo 12,23-24)”<sup>30</sup>.

Os israelitas do século I consideravam que as realidades que debilitavam a vida dos seres humanos (dor, enfermidade, angústia...) tinham como causa primária os pecados pessoais ou familiares e os espíritos impuros (Jo 9,2). Para dar vida, Jesus vence o pecado e os demônios, por poderosos que eles sejam (Mc 5,9). Desse modo não só restituía a saúde ao enfermo, mas também sua dignidade de membro do povo Santo de Deus. A vida que Jesus oferece na Palestina é para dignificar as pessoas e gerar comunhão com Deus e com os irmãos.

Se este é o sentido de seu Ministério, o mistério pascal de Jesus é o ato de obediência ao Pai pelo qual o Messias doa plenamente aquela vida que oferecia nos caminhos e aldeias da Palestina. Mediante seu sacrifício voluntário, o Cordeiro de Deus põe sua vida salvífica nas mãos do Pai (Lc 23,46), o qual torna-o salvação “para nós” (1Cor 1,30). “Pelo mistério pascal, o Pai sela a nova aliança e gera um novo povo que tem por fundamento seu amor gratuito de Pai que salva”<sup>31</sup>.

#### 2.3.4. *A vida nova no encontro com o Ressuscitado*

Os discípulos, depois de Pentecostes, dão novo significado à vida e morte de Jesus graças a uma compreensão integral e messiânica da Escritura, não já desde sua particular concepção de “messias”. Se eles tiverem a experiência de um Jesus que oferece sua vida a todos, entendem que em sua morte e ressurreição – à luz da Escritura e do Espírito – não apenas dava *algo de si*, mas que *se dava Ele todo* (Jo 6,51). E, agora ressuscitado, oferecia essa Vida aos seus para sempre. As aparições do Ressuscitado e o dom do Espírito impulsiona-os a confessar a vitória da Vida sobre o pecado e a morte. Diante o mundo são testemunhas de que o Senhor, e só Ele, é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), o único que tem “palavras que dão vida eterna” (Jo 6,68).<sup>32</sup>

O Pai, que ressuscitou a seu Filho, lhe concede um nome “que está acima de todo o nome” para que todos reconheçam que “Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus Pai” (Fl 2,9-11). Desde então, a existência do Senhor glorificado junto a seu Pai é para sempre “*preexistência salvífica*”, isto é, Vida do Ressuscitado oferecida como dom perene para o mundo.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> DA, 143; DS,

<sup>31</sup> DA, 143; DS, 94-95.

<sup>32</sup> DA, 101; DS, 96.

<sup>33</sup> DS, 97.

## 2.4. A obra do Espírito

### 2.4.1. O Espírito de Deus na história da Salvação

Os discípulos, apesar do temor pela morte de seu Mestre, guardam uma secreta esperança: que seu Mestre tenha vencido a morte, pois são vários testemunhos que afirmam tê-lo visto ressuscitado. E se confirma sua esperança: escondidos em uma casa por temor dos judeus, recebem o dom do Espírito de Deus sob a forma de língua de fogo, precedido de um vento impetuoso que invade o recinto. E todos “ficaram cheios do Espírito Santo” (At 2,1-4).

Não recebem qualquer Espírito, senão o que já estava prefigurado na *antiga aliança*: “o espírito de Deus” que pairava sobre as águas revoltas quando o Criador começou a criar (Gn 1,2); o “santo espírito” que Deus infundia em Moisés (Is 63,11-14); nos anciãos (Nm 11,17) e nos profetas (Mq 3,8); o espírito que penetra no coração dos homens e mulheres movendo-os a atuar (1Sm 16,13); o espírito que cobre de nervos e carne uns ossos ressequidos, fazendo-os viver (Ez 37,1-10); o “espírito novo” que junto com um “coração novo”, fará que Israel viva conhecendo a Deus e praticando sua vontade (Ez 11,19). Recebem o Espírito prometido por Deus a seu Ungido para que implante na terra o juízo divino, a paz messiânica e o conhecimento de Deus (Is 11,1-9; 61,1-3).

Na *Nova Aliança*, o Espírito já não se revela como atributo de Deus, senão como Pessoa divina de todo igual ao Pai e ao Filho (Mt 28,19). É a “força que vem do alto” (Lc 24,49) que, no início do Ministério público de Jesus, desce sobre O enviado pelo Pai (Mc 1,9-11). Jesus, ungido pelo Espírito do Pai, é o Filho primogênito de Deus feito “messias”, o “cristo” para fazer presente “hoje” o Reino de vida (Lc 19,9), para anunciar aos pobres e marginalizados os valores do Reino, como vida alternativa à vida do mundo (Mt 5,2-12). O Espírito de Deus jamais abandonará o Messias (Lc 4,14), referendando com portentos a missão do Pai (Lc 6,17-19). No batismo e na vida de Jesus, a obra de salvação se revela como obra trinitária.<sup>34</sup>

Pentecostes, pois, é a doação do “Espírito da Promessa” (Gl 3,14) segundo a declaração de Deus na Sagrada Escritura para os tempos messiânicos (Jl 3,1-5).

### 2.4.2. A Igreja na busca da Vida e do Espírito

A ascensão de Jesus ao céu e sua glorificação junto ao Pai marcam o fim do Ministério do Messias na terra (At 3,21) e o começo de seu Ministério como “Senhor” e “Salvador” (At 5,31). Depois de Pentecostes, as Igrejas

<sup>34</sup> DS, 174-176.

locais experimentam de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas, como a profecia, a glossolalia (1Cor 12,1-11), e variadas atividades que edificam a Igreja e servem à evangelização, como as de apóstolo e mestre (At 12,28-29). Graças à fecundidade do Espírito, “a comunidade estende o Ministério salvífico do Senhor até que Ele, novamente, se manifeste no fim dos tempos (At 1,6-7). O Espírito na Igreja “forja missionários decididos e valentes como Pedro (At 6,5) e Paulo (At 13,9), assinala os lugares que devem ser evangelizados e escolhe quem deve fazê-lo (At 13,2.4-5)”.<sup>35</sup>

A Igreja, enquanto marcada e selada “com o Espírito Santo e fogo” (Mt 3,11), continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação (1Cor 6,11). Paulo, com uma magnífica metáfora, afirma: “Vós sois a carta de Cristo redigida *por nosso Ministério* e escrita não com tinta, mas com o *Espírito de Deus vivo*” (2Cor 3,3). Um e mesmo Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça (Ef 4,15-16). Deste modo, pela presença eficaz de seu Espírito, Deus assegura até a parusia sua proposta de Vida para homens e mulheres de todos os tempos e lugares.

Portanto, “o Senhor segue derramando, hoje, sua Vida para o labor da Igreja que, com “a força do Espírito Santo enviado do céu” (1Pd 1,12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu Pai (Jo 20,21).<sup>36</sup> Toda a Igreja e cada um na Igreja é responsável pela evangelização, e toda a ação autenticamente evangelizadora, por humilde que seja, é uma ação eclesial, mediação para o encontro com o Ressuscitado.

#### 2.4.3. O Espírito Santo e a Vida nova dos Discípulos

Os evangelizadores da primeira hora eram testemunhas privilegiadas da Vida nova que o Espírito suscitava em todo aquele que acreditava no Senhor ressuscitado (Rm 5,5). Neles e nos demais percebiam como o Espírito “de Cristo” (Rm 8,9), o “Deus vivo” (2Cor 3,3) realmente “dá a vida” (2Cor 3,6). Essa experiência é também a de tantos cristãos e comunidades eclesiais de hoje.

A vida nova do Espírito é o conhecimento do Pai e a participação dos bens que o Pai doa por seu Filho (1Cor 2,10-12). É também o dom imerecido de fazermos, pelos méritos do Messias, filhos adotivos do Pai (Rm 8,14-15); graças a este Espírito podemos de verdade clamar: “Abba”, isto é, “Pai” (Rm

---

<sup>35</sup> DA, 150.

<sup>36</sup> DA, 151; DS, 177-178.

8,15).<sup>37</sup> Vida Nova são as “primícias do Espírito”, o que explica o profundo desejo de alcançar algum dia a vida plena de filhos, libertos de nossos desejos carnavais (Rm 8,23). É também caminhar “segundo o Espírito”, isto é, acolher seus frutos (Gl 5,22-26) e fazê-los crescer interiormente (Ef 3,16); quem se abre ao Espírito fecundo em frutos não se deixa arrastar pelos apetites desordenados da carne, inimigos do Espírito (Gl 5,19-21). Vida nova é viver reconciliados e em paz, porque o Espírito nos faz “morada de Deus” que pela cruz de seu Filho nos reconciliou (Ef 2,14-22).

Graças à Vida nova do Espírito, todos os discípulos do Senhor são “família de Deus, edificados sobre o alicerce dos apóstolos e profetas, sendo o mesmo Cristo Jesus a pedra fundamental” (Ef 2,19-20). Deus espera de “sua família” o tributo de um culto sincero que é aquele “culto nascido do Espírito de Deus” (Fl 3,3). Quem, pelo Espírito, é identificado com Jesus Cristo, “Primogênito de toda a criatura” (Cl 1,15), se faz “Nova Criação”: o que é velho passou, iniciou-se algo novo (2Cor 5,17).<sup>38</sup>

Essa é a *vida nova* do discípulo do Senhor.

### 3. Seguidores de Jesus Cristo (discípulos para vida dos povos (missionários))

#### 3.1. O caráter discipular da vida “em Cristo”

Os bispos em Aparecida apresentam a vocação e a missão do discípulo de Jesus, no marco do mistério trinitário, lido como acontecimento de salvação que faz com que a história da humanidade e de todo ser humano seja para sempre “o ano de Graça do Senhor” (Lc 4,19).<sup>39</sup>

A “vocação” do discípulo missionário se desenvolve no capítulo IV do *Documento de Aparecida*: “A vocação dos discípulos missionários para a santidade”<sup>40</sup>, capítulo que se divide em quatro blocos.<sup>41</sup>

Entendemos por “vocação” aquilo que um discípulo está chamado a viver “em Cristo”, aquele que o identifica como discípulo “de Cristo” sem o qual não pode ser chamado, com tal propriedade, “cristão”, nem pode anunciar “a Cristo”.<sup>42</sup>

<sup>37</sup> DA, 157.

<sup>38</sup> DA, 241; DS, 179-181.

<sup>39</sup> DA, 129-130.

<sup>40</sup> DA, 129-130.

<sup>41</sup> Quem são: “Chamados ao seguimento de Jesus Cristo” (DA, 129-135); “identificados ao Mestre” (136-142); “enviados a anunciar o Evangelho do Reino de Vida” (143-148); “animados pelo Espírito Santo” (149-153).

<sup>42</sup> DA, 352, df. S.SILVA RETAMALES, S. GUIJARRO OPORTO e R. AGUIRRE, *Kérygma, discipulado y misión, Perspectivas actuales*, Bogotá, D.C. 2006; J. ESPEJA, “o discipulado na teologia latinoamericana”, *Medellín*, 125(2006), 61-98.

A essência da vocação cristã é seu *caráter discipular*, isto é, a condição de seguidor de Jesus Cristo para “viver nele” como claramente mostram as *fórmulas de seguimento* empregadas por Jesus: “Segue-me” (Mc 2,14; Mt 9,9), “vem e segue-me” (Mc 10,21), “vinde após mim” (Mc 1,17).

Os bispos em Aparecida expressam assim o caráter discipular da vocação cristã: “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar amoroso buscam suscitar uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão de toda a sua pessoa ao saber que Cristo o chama por seu nome (Jo 10,3). É um “sim” que compromete radicalmente a liberdade do discípulo a entregar-se a Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6).<sup>43</sup> E mais adiante: “A natureza mesma do cristianismo consiste, por tanto, em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo. Essa foi a bela experiência daqueles primeiros discípulos, que, encontrando a Jesus, ficaram fascinados e cheios de estupor ante a excepcionalidade de quem lhes falava, ante o modo como os tratava, correspondendo à fome e sede de vida que havia em seus corações”.<sup>44</sup>

Impresso no caráter discipular do cristão está a exigência permanente de crescer na fidelidade ao Senhor: “Ser discípulo é um dom destinado a crescer”.<sup>45</sup> De modo análogo, amadurecer na fé como adesão vital e na conversão como transformação radical da vida e dos motivos para viver (Mc 1,14-15).<sup>46</sup>

“Seguir Jesus”, nos Evangelhos Sinóticos é um ato físico: é ir com Ele, caminhar atrás d’Ele, fazer-se itinerante como Ele para depois partir para o anúncio do Reino (Lc 9,59-60). Porém se trata dessas expressões que não se esgotam na realização física do mandato. Quem segue a Jesus é para vincular-se a Alguém, a Jesus de Nazaré enquanto Senhor ressuscitado. O seguimento se transforma, então, em resposta consciente, livre e fiel, em imitação e configuração a Ele, em aprendizagem e interiorização dos seus ensinamentos.

O caráter discipular se realiza em todas suas dimensões quando se entende como adesão fiel a Jesus, dispondo-se afim de que o Espírito nos configure mais e mais com o Senhor. Se segue a Jesus Cristo para participar, a partir do batismo, da vida nova n’Ele, até que chegue a sua plenitude na ressurreição final;<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> DA, 136.

<sup>44</sup> DA, 244.

<sup>45</sup> DA, 291.

<sup>46</sup> DA, 243; 278,b.

<sup>47</sup> DA, 184; 349; 357.

Seguindo o *Documento de Aparecida*, explanaremos o caráter discipular da vida em Cristo a partir dos quatro termos privilegiados pelos bispos na V Conferência para referir-se ao tema: “vinculação, configuração, comunidade e missão”.

### 3.2. “Escolhidos para vincular-se intimamente à sua Pessoa”<sup>48</sup>

Alguns traços da vinculação com o Senhor se destacam nos números 129-135 do *Documento de Aparecida*. Os primeiros números mostram o contexto e aquilo que é característico do seguimento cristão (129-131) e os restantes (132-135), o tipo de vínculo que se adquire com Jesus e a resposta que Jesus espera dos seus.

Concernente ao contexto e ao caráter discipular da vida em Cristo o *Documento* afirma:

a) Dois aspectos originais caracterizam o discipulado de Jesus: 1. O mestre é quem escolhe e aceita ao que deseja segui-lo e o escolhido não é “para algo”, senão “para pertencer e seguir a Alguém”; 2. O discipulado começa pela eleição por parte de Jesus. A maneira como Jesus escolhe os seus apresenta alguns traços comuns e outros originais a respeito de como os mestres daquela época escolhiam seus discípulos ou eram escolhidos por esses.<sup>49</sup> Jesus, diferentemente dos rabinos, sempre elege como discípulos os mais próximos (Mc 1,16-20; 2,14), aos que se dispõem a segui-lo fisicamente, e aceita ou não aos que se oferecem voluntariamente a acompanhá-lo (Mc 5,18; Lc 9, 57.61). Sempre pede resposta imediata e obediência incondicional (Mc 10,21). No entanto, o original de Jesus não é como ele escolhe, mas *para que* escolhe.

b) Jesus não chama aos seus para que aprendam a Lei de Moisés, cumpram ritos e purificações, guardem os jejuns..., mas escolhe quem quer para que “venham e o sigam” e “estejam com Ele” (Mc 3,14). Em outras palavras, os escolhe para vinculá-los à sua Pessoa (Mc 1,17; 2,14). Admirado por Jesus<sup>50</sup>, surpreendido e fascinado por Ele<sup>51</sup>, vinculado pelo amor e opção por Ele (Lc 9,51.67), o discípulo aprende na convivência com Jesus de Nazaré a ser “dos seus” (configuração) a quem “faz Igreja”, povo da nova aliança (comunidade).<sup>52</sup>

<sup>48</sup> DA, 129-135.

<sup>49</sup> DA, 131; DS, 98.

<sup>50</sup> DA, 136.

<sup>51</sup> DS, 87-88.

<sup>52</sup> “A convivência é a única modalidade que nos é dada aos homens para conhecer o outro. O método não muda quando a outra pessoa é singular, excepcional e, por isso, só posso conhecê-lo enfronhando-me numa convivência com ele”, mais adiante: “O método é imposto pelo

c) Da vinculação e convivência com Jesus brota a missão como exigência do mesmo discipulado. O poder e dinamismo da Vida divina tornam missionário o discípulo e impele-o a testemunhar e transmitir a Vida que recebeu sem mérito pessoal, mas como dom gratuito.

Logo, nos restantes números do *Documento de Aparecida* (132-135), os bispos apresentam o tipo de vinculação do discípulo com Jesus e a resposta que Jesus espera de quem se tem vinculado vitalmente a Ele:<sup>53</sup>

a) Conforme a parábola da Videira e os ramos (Jo 15,1-17), Jesus não quer uma vinculação como servos, porque o “servo não sabe o que seu senhor faz” (Jo 15,5). Se o escravo não tem entrada na casa de seu senhor, também não a terá em sua vida. Jesus quer que seu discípulo se vincule a Ele como “amigo” e como “irmão”.

b) O “amigo” ingressa na casa de Jesus, a sua vida, a sua família, fazendo-as próprias (Jo 1,38-39; 15,14). O amigo, por que ingressa na “casa de Jesus”, conhece o Pai e, pela obediência, se abre a sua vontade, moldando a existência de “discípulo seu” a partir dessa experiência de amor (Jo 15,8) que marca a relação com os outros (Jo 15,12 e suscita um encargo missionário (Jo 15,16-17). O “irmão” de Jesus (Jo 20,17) participa da mesma vida que recebe o Filho de seu Pai celestial, de tal forma que Jesus e seu discípulo partilham a vida paterna, ainda que, Jesus por sua natureza (Jo 10,30) e o discípulo por sua participação (Jo 10,10). A consequência dessa vinculação como “irmãos” com o Senhor é o caráter essencialmente fraterno da comunidade de Jesus. Dessa forma, a vida divina participada e o amor de comunhão em virtude da recíproca vinculação com Jesus são notas distintivas do caráter discipular da vida em Cristo.

c) A resposta que Jesus pede aos seus deve ser livre e consciente, feita de coração. Quem deu sua vida por amor até o extremo, espera uma resposta de vida e amor que não é só resposta do intelecto (lógica humana) ou da vontade (atos bons), mas a oferta de toda a pessoa como única resposta de amor a quem assim nos ama. A resposta, portanto, não pode ser outra mais que a comunhão de vidas: adesão íntima e fiel ao Senhor, lealdade inquebrantável, obediência à sua Palavra. Se tal é a resposta, o discípulo – como Jesus – não teme entrar na “dinâmica do Bom Samaritano (Lc 10,29-37), que nos dá o imperativo de fazermos próximos, especialmente com aquele que sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que

---

objeto que desejamos conhecer – uma pessoa. E o único método para conhecê-la é iniciarmos a conviver com ela e estar atentos aos dados, os sinais que emergem nessa convivência”, J. CARRÓN, “Cristiano, o seu, discípulo de Jesus Cristo”, *Boletín CELAM*, 312 (2006), 57.61.

<sup>53</sup> Cf. *DA*, 136; *DS*, 99-100.

come com publicanos e pecadores (5,29-32), que acolhe aos pequeninos e às crianças (Mc 10,13-16), que cura os leprosos (Mc 1,40-45), que perdoa e liberta a mulher pecadora (Lc 7,36-49; Jo 8,1-11) e que fala com a Samaritana (Jo 4,1-26).<sup>54</sup>

### 3.3. “Configurados ao Mestre”<sup>55</sup>

#### 3.3.1. *Dom do Espírito*

O Espírito Santo configura o discípulo enquanto Ele é Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6). Por *Jesus-Caminho*, é o discípulo que acede ao mistério salvador do Pai, adquirindo uma nova realidade: filho de Deus e irmão dos demais na família de Deus. O Espírito o configura com *Jesus-Verdade* que o leva a renunciar às mentiras e ambições e a expressar o gozo de sua vocação de consagrado a Deus uno e trino e o configura com *Jesus-Vida*, tornando-o partícipe da vida divina que brota do amor de Deus, para oferecê-la nas mãos cheias a todos.<sup>56</sup>

#### 3.3.2. *Escutar e ver a Jesus*

Com frequência os verbos “escutar e ouvir”<sup>57</sup> e “ver/contemplar/reconhecer”<sup>58</sup> têm, no Documento de Aparecida, por sujeito o discípulo e por complemento a Jesus Cristo, ou as coisas de Deus.

O caráter discipular da vida em Cristo exige *escutar e ver* o Senhor, imprescindível escola discipular e missionária para configurar-se com Ele.<sup>59</sup> O Reino acontece pela palavra de Jesus Cristo à qual mister escutar e obedecer, e em sua Vida contemplar e imitar. *Escutar e ver* a Jesus é a primeira tarefa de um discípulo, pois assim conhece a seu Senhor e aprende a cumprir a missão de Filho, que é a missão do Pai. Só quem “escuta” e “vê as presenças” do Ressuscitado se transforma em ministro da Palavra e em testemunho de sua Vida (Lc 1,1-4). Este é o itinerário vivido por Maria Madalena, quem, porque viu o Senhor, pode *narrar* aos apóstolos (Jo 20,18). “Narrar o Senhor” requer “vê-lo”, pois só assim “se pode falar” ou “anunciar” como autêntico testemunho.

Maria de Nazaré, imagem acabada e fiel de seguimento do Senhor, nos ensina “o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário”.<sup>60</sup>

<sup>54</sup> DA, 135.

<sup>55</sup> DA, 136-142.

<sup>56</sup> DA, 137; DS, 108.

<sup>57</sup> DA, 103; 132; 132; 242; 278,b; 364.

<sup>58</sup> DA, 242; 244; 276; 279; 349; etc.

<sup>59</sup> DA, 276; DS, 88.

<sup>60</sup> DA, 271.



### 3.3.3. *Assumir o estilo de vida e destino do Messias*

A escuta e a contemplação de Jesus conduzem à conformação com o Mestre, com seu estilo e destino de vida, segundo a vontade do Pai. O estilo e destino de vida do Messias são conseqüências de sua consciência de filiação e de sua missão. Configurar-se com seu estilo e destino são traços identificadores da espiritualidade cristã própria do caráter discipular de viver em Cristo.

O estilo de vida de Jesus envolve vários aspectos:

a) Paixão pelo Pai e pela missão do Pai, o Reino.<sup>61</sup> Jesus vive como homem desarraigado desse mundo (Lc 9,58), porque tem posto seu coração no Pai e em seu Reino. As conseqüências para Ele e seus discípulos são: o testemunho audaz dos valores alternativos do Reino<sup>62</sup> e a oferenda da vida em favor de quem o Pai ama com predileção: pecadores e marginalizados.<sup>63</sup>

b) Renunciar a si mesmo e carregar a cruz.<sup>64</sup> Estas duas condições do discipulado marcam com fogo o estilo de vida daquele que segue a Jesus: “Se alguém quer vir atrás de mim, renuncie a si mesmo e carregue a sua cruz e me siga” (Mc 8,34). A renúncia ou o “negar-se a si mesmo” para ir atrás de Jesus é romper com os vínculos que amarram às pessoas (entre elas, a família) ou a ideais políticos (o “messianismo nacionalista”) e religiosos (fariseus, saduceus, essênios), realidades vitais que naquelas circunstâncias conformam a rede que assegura a existência. A razão da negação de si mesmo é fazer de Jesus a fonte e o referencial absoluto da própria vida. Quem segue Jesus tem que “carregar sua cruz cada dia” (Lc 9,23) como um condenado à morte, recebendo, por ser de Cristo, a zombaria, o desprezo, o descrédito... Até perder a vida se for necessário. “Carregar a Cruz”, portanto, é superar a rejeição e a ignomínia para viver em Cristo e anunciar seu Reino.

c) Imolar a vida por Jesus e o Reino.<sup>65</sup> Jesus, como Filho “fiel a seu Pai e à sua vontade (Lc 22,42)” até a morte<sup>66</sup>, oferece sua vida de Messias para que todos tenham vida nova. O estilo de vida de Jesus está marcado pela imolação de sua existência ao modo de Servo de Yahweh (Is 53,4-6). Pois bem, se Jesus viveu assim, significa que assim morreu, coincidindo

<sup>61</sup> DA, 152; DS, 123.

<sup>62</sup> DA, 224.

<sup>63</sup> DA, 98.

<sup>64</sup> DA, 140.

<sup>65</sup> DA, 102; 143.

<sup>66</sup> DA, 139.

estilo com destino de vida. Isso é o que Jesus pede aos seus: que estejam dispostos a perder a vida por Ele e pelo Reino como sinal e selo de que viveram doando a vida sem limites (Mc 8,35).

d) Opção pelos pobres e marginalizados.<sup>67</sup> Jesus come com publicanos e pecadores, realiza atividades proibidas em dia de sábado, perdoa pecados, toca pessoas impuras e deixa que essa gente o toque, inclusive prostitutas (Lc 7,37-38). Essas e outras atitudes de Jesus, com forte conotação pública e religiosa, sancionadas negativamente pela Lei de Moisés e dos costumes de Israel, contradizem gravemente o sistema sócio-religioso do mundo judaico. No entanto, Jesus as realiza como sinais claros da irrupção do Reino de um Deus, “seu” Pai, que anela reinar como “nosso” Pai, rico em vida e misericórdia. Por isso, aos pobres e marginalizados, ele anuncia a Boa Nova do reinado de Deus (Lc 4,16-21). Desse modo, Jesus revela a presença soberana e libertadora do Pai celestial, convidando de modo especial os pecadores e marginalizados a aproximar-se do seu perdão e participar de sua vida.<sup>68</sup>

e) Levar a termo adesões vitais.<sup>69</sup> No seguimento ao Senhor há conflitos de fidelidades irreconciliáveis entre sua proposta e as pessoas e realidades que se opõem a Ele. O fato de que essas renúncias sejam *por Jesus e pelo Evangelho* (Mc 10,29) indicam que se fazem em razão de uma nova adesão: a pessoa de Jesus, o Reino e sua comunidade.<sup>70</sup> Nem antes, nem hoje se pode servir a dois senhores (Mt 6,24), por isso que hoje, como outrora, são imprescindíveis as renúncias que favorecem a orientação decisiva e crescente da existência até o único Senhor.

### 3.4. “Todo discípulo é missionário”<sup>71</sup>

O Senhor ressuscitado envia os seus a anunciar o Reino para que também os outros vivam em relação de amizade e fraternidade com Ele e pertençam à família de Deus. Este encargo se chama *apostolado ou missão*, e seu conteúdo se expressa mediante *fórmulas de envio* como: “Ide e fazei discípulos a todos os povos” (Mt 28,19)<sup>72</sup>, ou *metáforas* centralizadas nos

<sup>67</sup> DA, 257; 391-398; DS, 104; 119-121; 165. Em DI, 3: “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecermos com sua pobreza (2Cor 8,9)”. O “Discurso inaugural” de Bento XVI na V Conferência teve uma importância gravitacional no desenvolvimento da mesma, como se pode comprovar por suas frequentes citações: DA, 2; 4; 7; 10; 13; 16; 22; 27; 42; 60; 64; 100,b; etc.

<sup>68</sup> DS, 86; 94.

<sup>69</sup> DA, 12; 19; 137.

<sup>70</sup> DA, 136.

<sup>71</sup> DA, 30-32; 143-153; 360-379; 501-508; DS, 137-142; 158; 167; 170-171; 184.

<sup>72</sup> DA, 364.

ofícios conhecidos da época, como: “Vos farei pescadores de homens” (Mc 2,17).<sup>73</sup>

Jesus torna a Igreja partícipe de sua missão não como algo estranho à dimensão discipular da vida em Cristo, como se “ser discípulo” fosse uma coisa e “missionário” uma decisão que dependeria do próprio parecer. Jesus não tem uma escola para discípulos e outra diferente para missionários.<sup>74</sup> Assim como Jesus é testemunho do mistério do Pai, de igual modo “os seus” se fazem testemunhos da obra do Pai. Quem é de Cristo não pode senão ser testemunho das coisas de Deus.<sup>75</sup> Dito de outro modo, a missão “fazer” discípulos é parte integrante do chamado a “ser” discípulo de Jesus: “Cumprir este mandato (...) é a extensão testemunhal da própria vocação”.<sup>76</sup>

A finalidade da missão é repetir a experiência do discipulado (Mt 28,19). Quando o mestre morria, os discípulos geralmente se dispersavam (At 5,36-39), ao contrário, os discípulos de Jesus continuam sua obra e o fazem repetindo o modelo empregado com eles: evangelizam com uma *finalidade discipular*, procurando fazer com que outros sejam iniciados e acompanhados no seguimento do Senhor (At 14,21). No entanto, não se tratava de fazê-los “discípulos deles próprios”, isto é, seguidores dos que pregam o Evangelho, situação que os primeiros missionários viveram na própria carne pela adesão equivocada de seus destinatários (1Cor 1,12; 3,4).<sup>77</sup>

Para realizar o mandato de Jesus, a Igreja recebe de seu Senhor o dom do Espírito vivificador, “alma e vida da Igreja”<sup>78</sup>, que a impulsiona a anunciar o Reino de Vida e congregar o povo santo, semente de humanidade reconciliada.<sup>79</sup> Ontem, como hoje, e pelo dom do Espírito, a Igreja está chamada a ser “Evangelho vivo”, isto é, toda anúncio (membros, estrutura, planos pastorais...) de que o Ressuscitado é caminho de vida e liberdade (Rm 8,21).<sup>80</sup>

<sup>73</sup> DS, 183; cf. S.SILVA RETAMALES, *Discípulos de Jesus. Relatos y imágenes de vocación y misión em la Biblia*, Bogotá, D.C., 2006, 103-164.

<sup>74</sup> DA, 278,e.

<sup>75</sup> DI, 3: “Discipulado e missão são como as duas caras de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (At 4,12)”. Cf. DA, 144-146. DS, 182: “Discípulo” e “missionário” são dois termos que mutuamente se reclamam”.

<sup>76</sup> DA, 144; DS, 101.

<sup>77</sup> DA, 279; 280,b.

<sup>78</sup> DA, 23.

<sup>79</sup> DA, 278,d; DS, 172.

<sup>80</sup> DS, 83.



### 3.5. “Chamados a viver em comunhão”<sup>81</sup>

O vínculo com Jesus conduz ao compromisso com sua Igreja, novo povo de Deus. Assim se manifestam os bispos de Aparecida: “A vida na comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um Povo (...). Por isso, a experiência de fé é sempre vivida numa Igreja Particular”.<sup>82</sup> E mais adiante: “Não pode haver vida cristã senão na comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, outras pequenas comunidades e movimentos”.<sup>83</sup>

A adesão a Jesus tem, pois, um componente comunitário irrenunciável.<sup>84</sup> Isso significa que, quem aceita o chamado de Jesus, aceita “fazer-se dos seus” (Mc 3,31-35), esforçando-se por cultivar o sentido de pertença, de corresponsabilidade e missão. A opção por Jesus se converte no compromisso de viver o *peculiar caráter comunitário* da dimensão discipular da vida em Cristo.

Portanto, *fazer-se discípulo* de Jesus é *fazer-se co-discípulo* de seus escolhidos, formando parte de um mesmo rebanho conduzido por um mesmo Pastor. Cristo não pensou um discipulado sem comunidade eclesial, pois “a vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão”.<sup>85</sup>

As pequenas comunidades e as comunidades eclesiais de base são lugares teológicos de vinculação e configuração com o Mestre, quando se acolhe e atualiza o ensinamento dos Apóstolos, se vive a comunhão, se celebra a Eucaristia, se ora e reflete a Palavra de Deus (At 2,42).<sup>86</sup> O pão da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo constrói a Igreja, nutre sua comunhão e a faz essencialmente missionária.<sup>87</sup> As comunidades que se nutrem do Senhor se transformam em “casa, escola de comunhão”<sup>88</sup> onde os discípulos compartilham os bens do Ressuscitado “no serviço da missão evangelizadora”.<sup>89</sup> Se entende, portanto, que a configuração com Jesus, que tem lugar no seio dessa

<sup>81</sup> DA, 154-163; DS, 133.

<sup>82</sup> DA, 164.

<sup>83</sup> DA, 278,d.

<sup>84</sup> DA, 297.

<sup>85</sup> DA, 156.

<sup>86</sup> DA, 178-180; 308.

<sup>87</sup> “Só da Eucaristia brotará a civilização do amor, que transformará a América Latina e o Caribe para que, além de ser um continente da esperança, seja também o continente do amor!” (DI, 4).

<sup>88</sup> NMI, 43; Cf. DS, 134-136.

<sup>89</sup> DA, 158.

*nova comunidade*, seja sobre tudo formação a “ser dos seus” para “serem seus testemunhos”.

### III. A “pastoral bíblica” segundo o Documento de Aparecida

#### 1. O caminho percorrido

A última e interessante contribuição do *Documento de Aparecida* no que concerne ao uso da Sagrada Escritura, na vida e missão da Igreja, é a “pastoral bíblica” que os bispos entendem como “animação bíblica da pastoral do povo de Deus”.

O caminho para chegar a este novo planejamento da pastoral bíblica se sustenta nos vários ensinamentos da Igreja, produto da reflexão e da prática da leitura da Sagrada Escritura nas comunidades.

Entre os documentos que não podem deixar de ser mencionados está a constituição conciliar *Dei Verbum*<sup>90</sup> sobre a revelação divina e as três Conferências gerais do Episcopado Latinoamericano e do Caribe que vieram depois da *Dei Verbum*. Nos referimos à Conferência celebrada em Medellín, Colômbia (1968), em Puebla, México (1979) e em Santo Domingo, República Dominicana (1992).<sup>91</sup>

#### 2. A chamada “pastoral bíblica” no Documento de Aparecida

##### 2.1 Antes e depois da *Dei Verbum*

A *Dei Verbum* marca um antes e um depois no que se refere à pastoral bíblica. Antes do CONCÍLIO VATICANO II, o que chamamos “pastoral bíblica” era entendido como um *movimento bíblico*, cuja finalidade era distribuir e dar a conhecer a Bíblia entre os católicos em virtude do seu escasso conhecimento da mesma.

Buscava-se minimizar a distância histórica que fazia da *Escritura* apenas um patrimônio de protestantes e evangélicos, mas que fosse também conhecida pelos católicos. Era comum escutar que, a celebração dos sacramentos, particularmente da Eucaristia, identificava a Igreja católica, enquanto que a leitura e interpretação da Bíblia identificava o mundo evangélico.

A partir do CONCÍLIO VATICANO II, a pastoral bíblica é compreendida, geralmente, como aquele serviço da Igreja realizado no estilo de outras pastorais paroquiais e diocesanas como a familiar, dos jovens, social... Eram os tempos em que se procuravam pastorais diversificadas e se enxertava, *como uma a mais*, a pastoral bíblica. Assim também se concebia a pasto-

<sup>90</sup> Promulgada por Paulo VI em 18 de novembro de 1965.

<sup>91</sup> Cf. DS, 16-26; M. de FRANÇA MIRANDA, *Aparecida: a hora da América Latina*, São Paulo, 2006, 34-37; J. JIMÉNEZ: “La cuatro conferencias generales del episcopado: Río, Medellín, Puebla, Santo Domingo. – Ele caminho recorrido-“, *Medellín*, 118 (2004), 177-218.

ral bíblica. Portanto, se aqueles que faziam parte da pastoral familiar se encarregavam das “famílias” na paróquia, de igual modo aqueles que se constituíam para a pastoral bíblica se encarregavam da “Bíblia”. Seguindo a analogia, se existiam coordenadores e vigários da pastoral familiar, também devia haver um responsável pela pastoral bíblica, que trabalhasse com as pessoas interessadas na Bíblia. Na prática, a “comissão bíblica” de uma paróquia ou de uma diocese, cujo serviço pastoral se centralizava na Bíblia, não passava a ser mais do que outras tantas pastorais.

Diferentemente do “movimento bíblico”, a pastoral bíblica se incumbia, sobretudo dos que participavam da dita pastoral, a fim de que conhecessem a Bíblia mediante cursos, palestras, retiros e grupos bíblicos...

Ainda que a pastoral bíblica, até agora descrita, tenha sido um passo necessário e importante na evangelização da Igreja, não era este o espírito da *Dei Verbum* quando pedia que “toda a pregação da Igreja, como toda a religião cristã, devia alimentar-se e reger com a Sagrada Escritura”.<sup>92</sup> A Escritura, enquanto encerra a Palavra viva de Deus está chamada a nutrir a vocação, formação e missão de todo o discípulo missionário e, por isso mesmo, de todas as pastorais a seus serviços.

## 2.2. O Documento de Aparecida e a animação bíblica da pastoral

### 2.2.1 A animação bíblica da pastoral no Documento de Aparecida.

Graças a uma renovada percepção do Espírito do CONCÍLIO VATICANO II e das instituições das CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO, hoje, é possível uma *nova mentalidade* para entender a chamada “pastoral bíblica”: Compreendê-la como *animação bíblica da pastoral* ou “dimensão bíblica da pastoral”. Desses nomes e outros, se prefere o da “animação bíblica da pastoral do povo de Deus”, e é o utilizado no Documento de Aparecida.

Quando, no capítulo II do Documento, concernente ao “olhar dos discípulos missionários sobre a realidade”<sup>93</sup> os bispos se perguntam pelo que os interpela nesse tempo de mudanças, destacam como positivo para o encontro com Jesus Cristo “a animação bíblica da pastoral”, por quanto “aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e o amor por ela”.<sup>94</sup> É a primeira vez que um documento magisterial desta natureza fala de pastoral bíblica como “animação bíblica da pastoral”.

<sup>92</sup> DV, 21; Cf. C.M. MARTINI: “La Sagrada Escritura, alimento y norma de la predicación y de la religión”, *Boletín Dei Verbum*, 32 (1994), 163-179.

<sup>93</sup> DA, 33-100.

<sup>94</sup> DA, 99,a.

Logo, no capítulo VI, ao falar do “itinerário formativo dos discípulos missionários” e recordar as mediações para o encontro com Jesus Cristo vivo<sup>95</sup>, os bispos descrevem em três números (247-249) a importância insubstituível da Escritura enquanto Palavra reveladora e salvífica que, a quem a acolhe, o conduz ao conhecimento e participação do mistério de Deus e sua vontade.<sup>96</sup> A primeira mediação do encontro com Jesus Cristo que se nomeia é a *Sagrada Escritura*, depois a Eucaristia e o dia de domingo, o sacramento da reconciliação, a oração pessoal, a comunidade viva na fé e o amor fraterno, os pobres, aflitos e enfermos, e a piedade popular.<sup>97</sup>

Antes de tratar aquilo que no Documento de Aparecida se entende por “animação bíblica da pastoral”, contextualizemos o tema, precisando as eclesiologias subjacentes à “pastoral da cristandade” e à “pastoral de conjunto”, ou melhor, chamada agora de “pastoral orgânica”.

### 2.2.2. Pastoral de cristandade e pastoral orgânica: eclesiologias em jogo

A eclesiologia subjacente à *pastoral de cristandade* é a de “povo de Deus” antes do Concílio Vaticano II, caracterizada por um notável “eclesio-centrismo”, derivada da concepção de Igreja como “corpo místico de Cristo” e, por consequência, “sociedade perfeita”, eclesiologia “fortemente jurídica em detrimento de uma concepção histórica e sacramental da Igreja”.<sup>98</sup>

A atual eclesiologia do “povo de Deus” sustentada no Concílio Vaticano II ainda não consegue, na prática, livrar-se inteiramente dos séculos de regime de cristandade com sua concepção clerical de Igreja, sua forma de exercer a autoridade e conceber o protagonismo da evangelização, o que traz repercussões negativas para a pastoral orgânica.<sup>99</sup> E por falta de formação e de participação real dos leigos nos diversos níveis de decisão da Igreja, ainda em várias partes, o protagonismo exclusivo na condução e evangelização da Diocese segue sendo o bispo e o clero.<sup>100</sup> Pelos frutos que se vêem, não se praticam integralmente os princípios que se deduzem da eclesiologia como “povo de Deus” e que sustentam a pastoral orgânica: subsidiariedade, parti-

<sup>95</sup> DA, 240-246.

<sup>96</sup> DA, 172.

<sup>97</sup> DA, 250-265; DS, 102-107.

<sup>98</sup> FRANÇA MIRANDA, M. de, *Aparecida*, 32; cf. 32-34; cf. BRIGHENTI, A., *Reconstruindo la esperanza. Como planear la acción de la Iglesia em tiempos de cambio*, México, DR, 2001, 33-43.

<sup>99</sup> “Nos referimos, para mencionar alguns, o clericalismo, as tendências de voltar ao passado, às leituras e aplicações secularizadas da renovação conciliar, a ausência de autocrítica, de uma obediência autêntica e do exercício evangélico da autoridade, aos moralismos que debilitam a centralidade de Jesus Cristo”... DS, 79. ver n. 83; cf. DA, 100.

<sup>100</sup> DA, 100,b-c; 212.

cipação, descentralização e desconcentração. Por essas e outras razões, uma das deficiências da dita pastoral é precisamente sua falta de organicidade, pois muitas vezes não passa de um “conjunto de pastorais”, isto é, uma “pastoral de coletivos”.

Se requer superar os limites que arrastamos da pastoral de cristandade e implantar uma “pastoral orgânica” renovada e vigorosa que sirva “melhor as necessidades dos fiéis”<sup>101</sup>, procurando “uma resposta consciente e eficaz, conforme as exigências do mundo de hoje”<sup>102</sup>. Essa pastoral deve sustentar-se em uma eclesiologia que tenha por modelo o Mistério trinitário<sup>103</sup> e uma compreensão mais profunda do ensinamento Paulino de Igreja, Corpo de Cristo, de quem – como Cabeça do Corpo – provém sua vitalidade e fecundidade. Desse modo, fica mais claro que a Igreja, ícone da Trindade, é o Corpo (comunidade, Ministérios, carismas), dom do Pai ao Filho, mediante o qual o Espírito torna atual a Boa Nova do Reino.

Quando se compreende a substancial igualdade e vocação ao discipulado na santidade para todos os batizados<sup>104</sup>, a evangelização exige o protagonismo de todos em razão do sacramento do batismo. Isso requer, junto a outros princípios mencionados, favorecer efetivamente o da “corresponsabilidade eclesial” de todo cristão.<sup>105</sup> Além disso, requer-se uma clara vontade de colocar, mediante a “conversão pastoral”<sup>106</sup>, as estruturas administrativas e evangelizadoras da Igreja a serviço da vocação e missão do povo cristão.<sup>107</sup> Para a missão da Igreja todos necessitamos de todos, e nenhuma pastoral pode ser um compartimento fechado que se basta a si mesma.

No marco da pastoral orgânica e da eclesiologia que a sustenta, a *Sagrada Escritura*, enquanto conserva a Palavra de Deus viva e salvadora, já não pode ser concebida como objeto específico de uma pastoral. Se a Palavra é Vida nova com que a Cabeça nutre a seu Corpo para que viva em comunhão com Ele e proclame o Reino, o acesso à Palavra não é privilégio dos que participam da “pastoral bíblica”, mas de todo o povo de Deus, pastores e fiéis. Prescindir da Vida da Cabeça é renunciar à vinculação com Jesus Cristo e ao anúncio da Boa nova.

Nesse novo conceito de pastoral orgânica e de consciência renovada da função da Palavra de Deus se delinea a reflexão dos bispos de Aparecida. Por isso falam de “animação bíblica da pastoral do povo de Deus”.

<sup>101</sup> DA, 169; cf. 99,g.

<sup>102</sup> DA, 371; cf. 169.

<sup>103</sup> DA, 155; 304.

<sup>104</sup> DA, 163; 184.

<sup>105</sup> DA, 202; 226,b; 368.

<sup>106</sup> DA, 365-366.

<sup>107</sup> DA, 172.



Precisemos o conceito.

### 2.2.3. *Ativação bíblica da pastoral, descrição e tarefas*

#### a) *Descrição:*

Na “nossa casa”, que é a Igreja Católica, o discípulo encontra tudo aquilo que alimenta sua vinculação íntima com Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida.<sup>108</sup> O primeiro que a Igreja oferece aos seus é a proclamação da Palavra e a possibilidade de encontrar Jesus nas Sagradas Escrituras lidas na Igreja e no contexto da vida.

A *Escritura* cumpre seu rol de efetiva mediação quando se lê como Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo que testemunha a história salvífica com a qual Deus conduz a humanidade. Desse modo, é indispensável “propor aos fiéis a Palavra de Deus como dom do Pai para o corpo de Jesus Cristo vivo, caminho de ‘autêntica conversão’ e de renovada comunhão e solidariedade (*Ecl in Am*, 12)”.<sup>109</sup> O caminho do encontro com Jesus Cristo mediante a *Escritura* exige, como ensina Bento XVI, “o conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus”.<sup>110</sup>

Para mostrar as conseqüências do “conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus”, os bispos em Aparecida nos recordam alguns encontros com o Senhor: o de Nicodemos e sua ânsia de vida eterna (Jo 3,1-21); a Samaritana e seu desejo de culto verdadeiro (Jo 4,1-42); o cego de nascimento e seu desejo de luz interior (Jo 9); Zaqueu e sua ânsia de ser diferente (Lc 19,1-10); e assim tantos outros.<sup>111</sup>

Trata-se de homens e mulheres que chegaram ao encontro com Jesus com sua história íntima, anelantes por algo novo, e que alcançaram a luz e foram recriados “porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai que se oferece por sua palavra de verdade e vida. Não abriram seu coração a algo do Messias, mas ao Messias”.<sup>112</sup> Esse encontro com o Senhor é que inicia um processo de discipulado, de vida em comunhão com os irmãos, do testemunho do Reino e transformação da sociedade. Para eles, a Palavra divina não se reduz só a noções, mas alimenta e ilumina sua vida em Cristo.<sup>113</sup>

Pela centralidade insubstituível do encontro com Jesus Cristo os que participam nas pastorais, seja como agentes, seja como destinatários, necessitam escutar e encarnar a Palavra de Deus que a *Sagrada Escritura* consig-

<sup>108</sup> *DA*, 246.

<sup>109</sup> *DA*, 248.

<sup>110</sup> *DI*, 3, citado por *DA*, 247; cf. 226,b.

<sup>111</sup> *DA*, 249.

<sup>112</sup> *Idem*.

<sup>113</sup> *DA*, 323.

na. Só dessa forma madura a experiência religiosa de cada fiel acontece na Igreja.<sup>114</sup>

Na ação evangelizadora de uma Igreja concebida à luz da eclesiologia do Concílio Vaticano II, que torna cada vez mais orgânica a proposta pastoral, a Bíblia é *fonte de evangelização* enquanto mediação inalienável do encontro com Jesus Cristo vivo. A Palavra de Deus, que a Escritura oferece, deve ser inspiradora para todas as fases da pastoral paroquial e diocesana: a reflexão e o discernimento, a tomada de decisões e o planejamento, a execução e a avaliação.<sup>115</sup> Dessa forma, além de ser a “alma da teologia”<sup>116</sup>, a Palavra de Deus é chamada a converter-se na *alma da missão evangelizadora* da Igreja.<sup>117</sup>

Dito com uma metáfora: A Palavra de Deus não pode ser um *ramo* a mais do conjunto da árvore que é a Igreja, mas a *seiva* que corre por seu tronco e nutre todos os ramos. Onde quer que haja evangelização, ali deverá estar a Palavra de Deus com sua multiforme presença, iluminando e animando o anúncio do Reino. Os bispos em Aparecida falam da Escritura como *farol* que ilumina o caminho e a atuação da Igreja de Cristo.<sup>118</sup>

Segundo essa concepção de pastoral bíblica, sua finalidade é a *animação bíblica da pastoral do povo de Deus*, isto é, que a Palavra de Deus consignada na *Escritura* suscite, forme e acompanhe a vocação e missão do discípulo de Cristo e dê conteúdo às ações organizadas da Igreja em sua missão evangelizadora. Portanto, já não se trata da Bíblia como preocupação exclusiva de alguns na Igreja (grupos ou círculos bíblicos...), mas da Palavra inspirada como *fonte teológica e espiritual* de santidade cristã e de proclamação da Boa Nova de Jesus Cristo para alcançar a “maturidade conforme a sua plenitude” (Ef 4,13).

Desse modo estamos fundamentando “nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus”.<sup>119</sup>

#### b) *Tarefas*

O grande desafio da animação bíblica da pastoral é recuperar para todos os fieis a riqueza da Escritura como alimento imprescindível que a Cabeça (o Senhor glorificado) oferece a seu Corpo (a Igreja redimida).

As tarefas da *ABP* são deduzidas da natureza e função da Escritura como mediação do encontro e comunhão da Cabeça gloriosa com seu Corpo

<sup>114</sup> *DA*, 226;a; *DS*, 77.

<sup>115</sup> *DA*, 371.

<sup>116</sup> *DV*, 24.

<sup>117</sup> *DP*, 372; *DA*, 248.

<sup>118</sup> *DA*, 180.

<sup>119</sup> *DI*, 3.

redimido. Os ensinamentos do CONCÍLIO VATICANO II assumido pelas CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO LATINOAMERICANO descrevem a *Sagrada Escritura* como “Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo confiada à Igreja para nossa salvação”.<sup>120</sup>

Dessa descrição se deduzem *as três tarefas básicas* da animação bíblica da evangelização do povo de Deus.<sup>121</sup>

1. Como a Bíblia é obra literária, se chega à Palavra de Deus mediante “a linguagem” dos autores que a colocaram por escrito. Para conhecer adequadamente a Palavra de Deus se requer, portanto, interpretar a mediação da comunicação (linguagens) dos autores humanos segundo seus contextos literários, históricos e religiosos. Uma *primeira tarefa* da ABP é acompanhar a compreensão dos sentidos genuínos dos textos bíblicos, e para tanto, deve ser *escola de interpretação* ou de conhecimento da Palavra de Deus.

2. Como a Bíblia é obra literária “inspirada” pelo Espírito, nos dá a conhecer “a verdade que Deus fez consignar nos ditos livros para a nossa salvação”.<sup>122</sup> Portanto, a Palavra de Deus que a Escritura contém na linguagem humana é viva e eficaz para os discípulos missionários, pois, hoje, torna presente o Senhor como Messias salvador. Uma *segunda tarefa* da ABP é ajudar e ensinar ao discípulo missionário a atualizar a Palavra de Deus mediante o diálogo permanente com Jesus Cristo, e para o qual deve ser *escola de comunhão e oração*, isto é, de encontro orante com o Senhor graças aos textos bíblicos inspirados.

3. Como a Bíblia está confiada à Igreja para que a proclame como Palavra “preche” de salvação, é, por um lado, lugar teológico e pastoral de discernimento, e, por outro, fonte e conteúdo da evangelização. A *terceira tarefa* da ABP é educar os discípulos missionários a proclamar a Palavra e a “atuá-la”, isto é, concretizá-la em motivações, práticas e condutas que respondam aos sentimentos de Jesus (Fl 2,5), e para tanto, deve ser *escola de evangelização inculturada* ou de proclamação da Palavra.

Assim sendo, a pastoral bíblica entendida como “animação bíblica da pastoral” satisfaz a permanente necessidade dos discípulos de Jesus de nutrir-se com o pão da Palavra mediante “a interpretação adequada dos textos bíblicos”, de seu uso “como mediação de diálogo com Jesus Cristo”, como “alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos”.<sup>123</sup>

---

<sup>120</sup> DV, 11; 21.

<sup>121</sup> Para o que segue, DV, 12; DA, 248. Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE CHILE, *Orientaciones para la animación bíblica de la pastoral*, Santiago de Chile, 2007, ns. 41-55.

<sup>122</sup> DV, 11.

<sup>123</sup> DA, 248.

Uma das formas mais adequadas para nutrir-se com toda a riqueza do pão da Palavra, segundo os bispos em Aparecida, é a *Lectio Divina*, a qual é apresentada como uma das importantes tarefas da ABP. Este “exercício de leitura orante da Sagrada Escritura” suscita “encontro com Jesus-Mestre”, o “conhecimento do mistério de Jesus-Messias”, a “comunhão com Jesus-Filho de Deus” e o “testemunho de Jesus-Senhor do universo”.<sup>124</sup>

A impressão, ao recorrer a estes quatro títulos cristológicos, é que se está pensando nos quatro passos clássicos da *Lectio Divina* que tornam possível o encontro com Jesus Cristo revelado segundo a dimensão que o título indica:

1. Pela *leitura* busca-se a compreensão genuína dos ensinamentos do único “Mestre da vida e verdade”<sup>125</sup>, pois “suas palavras são Espírito e Vida (Jo 6,63.68)”.<sup>126</sup> O crente que pratica a *Lectio Divina* “se senta aos pés” do Mestre, isto é, se faz discípulo na escuta atenta da Palavra para fazer o que Ele lhe diz (Jo 2,5).<sup>127</sup>

2. Pela *mediação*, o discípulo missionário introduz na história e vida a luz interpeladora de Jesus Messias e adquire sua força salvadora que o recria e lhe permite segui-lo. Assim reconhecendo sua debilidade, acode confiado a Deus de sua salvação. Maria é modelo de discípulos missionários por sua constante mediação da Palavra e das ações de Jesus.<sup>128</sup>

3. Pela *oração*, tão própria dos que têm fome e sede de Deus<sup>129</sup>, quem pratica a *Lectio Divina* se põe como filho ou filha em Jesus, Filho de Deus, que o introduz no seu próprio mistério, e, por conseguinte, lhe dá a conhecer a seu Pai e sua vontade.<sup>130</sup> Desse modo, o Pai reina como Pai, pois nos faz partícipes de sua vida divina que é consolo e luz, fortaleza e sabedoria. A oração nos dispõe, como ao Filho, a oferecer a vida ao Pai para a salvação de todos.<sup>131</sup>

4. Pela *contemplação* amorosa da Verdade<sup>132</sup>, o discípulo missionário se alegra admirado do mistério do Senhor ressuscitado e, pelo mesmo, adquire uma maior luz para ver seu próprio mistério e vocação.<sup>133</sup> O contemplativo, identificado com “a imagem de Jesus Cristo, novo Adão (1Cor

<sup>124</sup> DA, 249.

<sup>125</sup> DA, 186.

<sup>126</sup> DA, 103.

<sup>127</sup> DA, 364; DS, 138.

<sup>128</sup> DA, 266.

<sup>129</sup> DA, 99.g.

<sup>130</sup> DA, 137; 255; 319.

<sup>131</sup> DA, 134; 143.

<sup>132</sup> DA, 494.

<sup>133</sup> DA, 41; 107.

15,45)<sup>134</sup>, se dispõe assim a ser testemunho do Senhor glorificado. Da contemplação do rosto do Senhor nos que sofrem surge a opção por eles.<sup>135</sup> A contemplação sem ação transformadora e sem serviço solidário é infecunda.

### Conclusão

Quais são as projeções da V Conferência a respeito da Sagrada Escritura? Qual devia ser sua função na formação dos discípulos para que os povos tenham vida?

Tomando a contribuição de uma das Conferências Episcopais, podemos plantear essas duas perguntas com outra pergunta: O que fazer para que a Palavra de Deus seja, acima de todas as coisas, “uma formosa e profunda proposta de Boa Nova para toda a pessoa e para a humanidade, a fim que tenham Vida em Jesus Cristo?”

Podemos resumir a resposta em *quatro projeções*:

a) *A Sagrada Escritura, fonte de autênticos encontros com Jesus Cristo vivo.*

A Palavra de Deus escrita deve ser gestora do encontro com Jesus ressuscitado, *Caminho, Verdade e Vida* (Jo 14,6), nutrindo a amizade com o Senhor e possibilitando um autêntico discipulado missionário na Igreja. Isso se fará se a Palavra for *interpretada adequadamente*, abrindo ao conhecimento de Jesus enquanto *único Caminho* para viver como filhos do Pai; se *orar pessoal e comunitariamente* possibilitando o diálogo freqüente e fecundo com Jesus enquanto *Vida nova*; e, se for *fonte de evangelização própria e de outros* animando a conversão pessoal e suscitando o anúncio de Jesus enquanto *Verdade que salva*.

b) *A Sagrada Escritura, fonte de crescimento em humanização*

O encontro verdadeiro com Jesus Cristo e com os irmãos é caminho do encontro consigo mesmo mediante o discernimento que confronta a própria existência (intenções, motivações e ações) com o projeto do Pai de alcançar a “maturidade conforme a plenitude” de Jesus de Nazaré, seu Messias e Filho (Ef 4,13).<sup>136</sup> A Palavra de Deus é caminho de reconstrução de personalidades intensamente humanas e intensamente discipulares e missionárias.

c) *A Sagrada Escritura, fonte de comunhão e de comunidades*

A Sagrada Escritura permite escutar e configurar-se a Jesus Cristo de quem brota a filiação e a fraternidade. O empenho por deixar que nossas palavras e ações sejam geradas e discernidas pela Palavra de Deus que a Escritura oferece nos ajuda a viver em crescente radicalidade a vocação de

<sup>134</sup> DA, 27.

<sup>135</sup> DA, 257; 393.

<sup>136</sup> DS, 120; 128.



“família” do Pai. Assim como as primeiras comunidades viviam e se estendiam pela proclamação e escuta da Palavra (At 6,7; 19,20), assim também hoje a Palavra congrega em comunidade os discípulos missionários. A Sagrada Escritura vive na comunidade e, por sua vez, faz que a comunidade seja Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito. Portanto, a relação entre Bíblia e Igreja é essencial: a Igreja proclama a Palavra, a Palavra constrói a Igreja, e nela, interpreta e ora a palavra. A comunidade, inserida no mundo e como sinal de comunhão, está chamada a construir uma sociedade mais equitativa e mais humana, a fim de que cada vez mais seja Reino de Deus.

d) *A Sagrada Escritura, fonte de compromisso pelo Reino de Justiça e Vida*

A luz da Palavra de Deus nos ajuda a refletir “sobre os diversos problemas humanos e amadurecer opções responsáveis inspiradas no amor universal de Cristo”.<sup>137</sup> Toda pastoral, se tal quiser ser, deve preocupar-se por assumir a realidade (encarnação) e anunciar o Reino de Justiça e Vida (*redenção*) respondendo aos desafios que nos apresenta a sociedade (*evangelização*). Com maior razão a animação bíblica da pastoral.

O contato direto, orante e contextual com a Palavra de Vida que a Sagrada Escritura oferece, deve conduzir-nos a um compromisso sério de fraternidade e solidariedade. Um importante desafio da animação bíblica é implementar caminhos e meios que ajudem a impulsionar e iluminar a opção preferencial pelos pobres para que não se fique “em um plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões”.<sup>138</sup>

## Resume

La Cinquième Conférence de Aparecida /Brésil (en mai 2007) a réfléchi, entre autres aspects, sur l'importance de la formation biblique pour les disciples missionnaires en Amérique Latine et Caribe. En reprenant quelques lignes de l'évangélisation proposées par le Concile Vatican II, spécialement la Dei Verbum, la Cinquième Conférence conclue que la Sacre Écriture c'est impressindible à la vie de prière, de la constitution et de l'action des communautés chrétiennes. Il faut créer une mystique de l'action évangélisatrice avec la Parole de Dieu.

**Pe. Santiago Silva Retamales**

Bispo responsável pelo CEBIPAL - CELAM.

<sup>137</sup> JOÃO PAULO II, *Ecclesia in América*, 41.

<sup>138</sup> *DA*, 397.